



III Congresso de Direitos Humanos da FSG

<http://fsg.br/congressodedireitoshumanos>



EXPERIMENTO DE ENSINO DE DANÇA PARA CEGOS E DEFICIENTES VISUAIS APLICADO A VIDENTES VENDADOS

Janaína Rabber Kolling^a, Cristian Roncada^b, Gislaine Sacchet^b

a) Acadêmica Curso de Educação Física FSG. b) Docente do Curso de Educação Física FSG.

Informações de Submissão

a) Janaína Rabber Kolling, endereço:
Marília, 1040 - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95082-150.

Palavras-chave:

Dança. Deficientes visuais. Composição Coreográfica.

INTRODUÇÃO: Segundo a Organização Mundial da Saúde (2019), 2,2 bilhões de pessoas têm deficiência visual ou cegueira no mundo. Para o desenvolvimento pleno desses indivíduos é fundamental a estimulação dos sentidos remanescentes, favorecendo a aprendizagem cognitiva, motora e psicológica, e conseqüentemente a real inclusão na sociedade. A dança permite essa interação possibilitando os estímulos e ambiente propício a esse crescimento tanto para deficientes visuais, como para videntes no processo inclusivo, sendo determinante para maior empatia entre todos. O objetivo da proposta foi identificar como os indivíduos videntes se percebem em experimentação de um processo coreográfico estando vendados. Esse processo de criação baseou-se em propostas de Laban (1978), que utilizava-se da improvisação relacionando tempo, espaço, força e fluência do movimento e de Steve Paxton, que em 1972, direcionou seu trabalho para a improvisação entre dois corpos, hoje denominado como Improvisação de Contato (MARENGO E MUNIZ, 2018). **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:** Para Diehel (2007), o deficiente visual ou cego, por suas limitações ou ausência da visão, mostra desinteresse em necessidades psicomotoras, sociais e afetivas. Alves e Duarte (2008) e Gerente *et al.* (2008), destacam que a falta do estímulo visual e das relações interpessoais, a imagem corporal é percebida de forma distorcida por parte dos deficientes visuais. Segundo Souza (2009), uma nova relação com o mundo é proposta pela deficiência visual, que baseia-se pelo que não é visto, valorizando outros sentidos. Dentre esses, Alves e Duarte (2008) e Miles (1998), relatam que a audição oferece noções espaciais e temporais, preenche o espaço corporal interno e externo, relacionando seu corpo com o contexto. Segundo Bianchini (2005) o tato é o sentido de maior importância na construção de imagens, exploração e identificação dos movimentos do corpo. Relacionando esses sentidos com a vivência da dança,

Marques (2013), alega que o processo coreográfico, passa por experimentações, não de um estilo, mas de gestos ilimitados. Conforme Martins (2013), esses experimentos denominam-se improvisações e são utilizadas para criação de coreografias, podendo, ser guiadas por um diretor, encenador ou coreógrafo. Estudos já organizam métodos de ensino, conforme Alessi e Zolbrod (2008), o *DanceAbility* é um método de dança fundado por Alito Alessi e Karen Nelson nos Estados Unidos, em 1987, que utiliza a improvisação para promover a expressão e a troca artística entre pessoas com diversas habilidades, idades e origens, com e sem deficiência, com ou sem experiência em dança. Freire (2005), complementa relatando que a contemporaneidade na dança possibilita a exploração de corpos diversos artisticamente valorizando todos, de forma inclusiva.

MATERIAL E MÉTODOS: Inicialmente foi aplicada uma anamnese com os indivíduos, para verificar a possibilidade de participação e seus objetivos com o estudo. A coreografia foi resultado de um processo de composição a partir da experimentação, em que o intérprete é totalmente atuante como criador, durante 26 encontros, por três indivíduos, dois homens (29 e 60 anos) um estudante e um advogado, e uma mulher (50 anos) auxiliar administrativo, ocorrido entre abril e junho de 2020. Para avaliar os resultados, a coreografia foi registrada com uma câmera de celular, para auto-percepção dos indivíduos. A pesquisadora utilizou-se de relatos dos integrantes ao final do processo e ainda de um diário de bordo para observação dos resultados, pois conforme Porlán e Martín (1997) esse recurso metodológico distingue as problemáticas e, com elas, a concepção do processo que vem ocorrendo na realidade do envolvido. Devido ao isolamento social, os alunos e a pesquisadora usaram máscaras de proteção, luvas quando o toque foi necessário, bem como álcool em gel. Nos primeiros oito encontros, foram trabalhados a consciência do espaço, distância e direções e resposta à comandos provenientes do tato e audição. Nos oito encontros seguintes, ritmo, musicalidade, esquema e consciência corporal. Na terceira fase, a prioridade estava no processo de composição coreográfica com foco nas expressões dos indivíduos. Por último, foi realizado ensaio geral e gravação do vídeo. **CONCLUSÃO:** Partindo dos dados relatados e do diário de bordo da pesquisadora, os resultados concordam com a literatura que encontra na dança uma possibilidade de integração do deficiente visual ou cego na sociedade. Os videntes relataram uma melhora na propriocepção, na forma de relacionar-se com o espaço quando vendados, que era uma dificuldade inicial. Admitiram melhor controle corporal e em suas relações com o grupo, também observado pela pesquisadora. Citaram melhora na autoestima, devido a forma de expressar-se, que acabou sendo auto-percebida, ao se observarem no vídeo. Quando os videntes tem seus olhos vendados, as informações advindas da visão são bloqueadas e o aprendizado ocorre por outros sentidos, valorizando a empatia e o estar no lugar do outro. Percebe-se a importância

de continuidade de projetos semelhantes, aplicando improvisações e experimentos em outros contextos que integrem cidadãos videntes e não-videntes.

REFERÊNCIAS

ALESSI, A; ZOLBROD, S.M. Dance and DanceAbility. **Dance, Human Rights, and Social Justice** - Dignity in Motion book, edited by Naomi Jackson and Toni Shapiro-Phim, 2008. Publisher: The Scarecrow Press, Inc. Disponível em <<https://www.danceability.com/articles>> Acesso em junho de 2020.

ALVES, M. L. T; DUARTE, E. Imagem corporal e deficiência visual: um estudo bibliográfico das relações entre a cegueira e o desenvolvimento da imagem corporal. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 30, n. 2, p. 147-154, 2008.

BIANCHINI, F. C. O Ballet Clássico para Deficientes Visuais: Método Fernanda Bianchini. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2005. **Dissertação (Mestrado em Distúrbio do Desenvolvimento) Universidade Presbiteriana Mackenzie**, São Paulo, 2005.

DIEHL, R. M. **Imagem Corporal: Corporeidade da pessoa com deficiência visual**. 2007.

FREIRE, I. M. Na dança contemporânea, cegueira não é escuridão. **Ponto de Vista: revista de educação e processos inclusivos**, n. 6/7, p. 57-78, 2005.

GERENTE, J. G. da S; PASCOAL, A. G; PEREIRA, M. L. M. Localização especial de estímulos sonoros em indivíduos cegos congênitos: estudo comparativo da posição tridimensional da cabeça em adultos cegos congênitos e indivíduos videntes. **Revista brasileira de educação especial**, v. 14, n. 1, p. 111-120, 2008.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório da visão no mundo**. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/world-report-on-vision>>. Acesso em: 10jun. 2020.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. 5.ed. Edição organizada por Lisa Ullmann [tradução: Anna Maria Barros De Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto]. São Paulo: Summus, 1978.

MARQUES, A. S; SILVA, M. X. S. R. da. **Criatividade em dança: Conceções, métodos e processos de composição coreográfica no ensino da dança**. 2013.

MARTINS, C. et al. **A improvisação em dança: um processo sistêmico e evolutivo**. Nora, Sigrid, 1999.

MARENGO, M; MUNIZ, Z. A Glance Upon Material for the Spine, by Steve Paxton **Rev. Bras. Estud. Presença**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 151-165, Jan./Mar. 2018. E-ISSN 2237-2660. Available at: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266063603> Acessado em junho de 2020.

MILES, B. Hablar el lenguaje de las manos hacia las manos. **National Information Clearinghouse**, 1998.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del profesor**. Sevilla: Díada Editora, 1997.

SOUSA, J. B. de. O que percebemos quando não vemos?. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21, n. 1, p. 179-184, 2009.